



GÊNERO, PERTENCIMENTO ÉTNICO/RACIAL E MAGISTÉRIO: HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS EM BUSCA DA IGUALDADE

Claudilene Maria da Silva¹

Introdução

Historicamente a mulher foi condenada a um papel inferior. Enquanto o homem representa genericamente o ser humano, a mulher é definida por sua condição biológica: o ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos. Isso significa que a questão de gênero é, em si, um complicador para as relações sociais, mas quando somada à questão étnico/racial, incide nas maiores dificuldades para as pessoas que as vivenciam concomitantemente.

O presente trabalho apresenta resultados obtidos em nossa dissertação de mestrado que investigou o processo de construção da identidade étnico/racial de professoras negras. A pesquisa foi realizada com 10 professoras que lecionam nas séries iniciais da educação básica na Rede Municipal de Ensino do Recife e para compor a classificação étnico/racial utilizamos a autodeclaração das professoras. Adotamos a história de vida como aporte metodológico e utilizamos a análise de documentos e a realização de entrevista semiestruturada. O tratamento dos dados foi realizado a partir da análise de conteúdo, na perspectiva de Laurence Bardin.

Neste artigo, num primeiro momento realizamos uma discussão teórica sobre as relações que podem ser estabelecidas entre gênero, desigualdade étnico/racial e construção de identidades. Em seguida, apresentamos as histórias e trajetórias das professoras entrevistadas. Nas considerações finais, refletimos sobre as possibilidades de afirmação pessoal das professoras, a partir do ingresso no magistério.

Professoras Negras: gênero, profissão e pertencimento étnico/racial

No Brasil, a população negra e, em particular, a mulher negra está sempre exposta ao preconceito e à discriminação étnico/racial. Convivemos com o mito da “mulata sensual” que, se em algum momento serviu para a emancipação da mulher negra, em outros a relega a uma condição de mulher de segunda categoria, que serve para o divertimento masculino, mas não serve para a

¹ Universidade Federal de Pernambuco, contato :claudilene.silva@hotmail.com.



constituição de uma família. Muitas vivenciam a solidão amorosa ou dividem a vida com companheiros que as expõem à violência doméstica. Com medo de ficarem sozinhas, algumas sustentam seus companheiros em aspectos diversos, inclusive financeiramente. Outras são, nas palavras de Nilza Silva (1999)², “ a ‘espinha dorsal’ de sua família, que muitas vezes constitui-se dela mesma e dos filhos”.

Ao longo da história, boa parte das mulheres negras ou não tiveram acesso à escola ou precisaram abandonar os estudos para trabalhar e garantir sua sobrevivência e, assim, se tornaram maioria nos trabalhos mais desqualificados e desvalorizados. Ao estudar a trajetória educacional e a realização sócio-econômica de mulheres negras, Márcia Lima (1999) afirma que, com a reestruturação do emprego no Brasil, ocorreu nos anos 1970, uma redistribuição das mulheres em geral, na População Economicamente Ativa (PEA). Elas passaram a abandonar o setor primário e ingressar cada vez mais na indústria e nos setores modernos. Segundo essa autora,

As mulheres provenientes das classes mais pobres dirigem-se a prestação de serviços e aos empregos ligados à indústria, enquanto as mulheres de classe média, aos serviços de produção e de consumo coletivo (setor terciário), devido a seus melhores níveis educacionais. Dada a significativa representação da população negra, nos patamares inferiores da sociedade, as mulheres desse grupo de cor compõem uma parcela significativa da força de trabalho feminina empregada nos serviços mais desqualificados, principalmente, o serviço doméstico (idem, p. 151).

Aquelas que possuem uma trajetória escolar, para conseguir sucesso profissional, têm que se mostrar mais competentes do que as brancas, mesmo possuindo igual nível de escolaridade e de qualificação profissional. As que conquistam melhores postos no mercado de trabalho geralmente despendem uma força muito maior que outros setores da sociedade. Os estudos da autora permitem afirmar que a mulher negra tem que dispor de uma grande energia para superar as dificuldades que se impõem na busca da sua cidadania. Segundo Nilza Silva (1999), ao imprimir essa energia em suas vidas, algumas mulheres negras têm experimentado a mobilidade social. Entretanto, as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros.

Para Nilma Gomes (1995, p. 115), “ser mulher negra no Brasil representa um acúmulo de lutas, indignação, avanços e conflito constante entre a negação e a afirmação de nossas origens étnico-raciais”. Na literatura, nas novelas ou no cinema, a imagem da mulher negra sempre foi apresentada como uma mulher de segunda categoria. A escritora Conceição Evaristo (2005, p. 52) chama especial atenção para o fato de que “a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e ou corpo-objeto de prazer do

² SILVA, Maria Nilza. *A Mulher Negra*. Disponível em < <http://www.espacoacademico.com.br/022/22> > csilva.htm. Acesso em 02 de julho de 2009.



macho senhor”. Existe, inclusive, uma “ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2005, p. 53).

O Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (2008) aponta que as mulheres negras ocupam a mais baixa posição na escala social. Os dados evidenciam a dupla discriminação sofrida nos múltiplos espaços sociais e, em especial, no mercado de trabalho. Como consequência das desigualdades educacionais e da própria discriminação étnico/racial, os rendimentos dos homens brancos tendem a ser mais elevados do que o das mulheres brancas, que são mais elevados do que os dos homens negros, que por sua vez, são mais elevados que os das mulheres negras.

Em função dessa série de desvantagens, ser mulher negra é, também, uma luta incessante pela valorização da sua história como sujeito sócio-histórico-cultural, pelo fortalecimento da sua auto-estima, pela construção da suas identidades. É não perder a esperança de encontrar um companheiro que a respeite, de construir uma família estruturada, de possuir uma carreira profissional, de possibilitar uma trajetória escolar de sucesso para seus filhos... De vivenciar uma vida digna. É nesse contexto, que o magistério emerge para as mulheres negras como cenário possível para a conquista da mobilidade social desejada.

No que se refere à atuação das mulheres negras no campo educativo, Moema Teixeira (2006) afirma que importantes desigualdades por sexo e cor podem ser verificadas ao considerarmos a categoria professor. Segundo a autora, os dados do Censo 2000³ apontam que “de um total de 65.629.886 pessoas ocupadas, 3% exerciam a ocupação de professor” (p. 15). E indica que por essas duas características (sexo e cor), é possível realizar uma primeira caracterização da ocupação como sendo “eminente feminina (81, 2%) e branca (64,2%), e não apenas no seu conjunto (dados para o Brasil) como em todas as regiões e unidades da federação” (p. 15).

A análise da distribuição interna dos profissionais por sexo, cor, e nível de ensino nos quais atuam, essa autora chega às seguintes conclusões:

- O ensino fundamental é realmente feminino, numa proporção ainda mais elevada para as mulheres negras (70,2% para 53,5% das brancas);
- Os homens negros também estão nesta categoria de ensino num nível bem mais elevado que os homens brancos (da ordem de duas vezes mais).

³ Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.



- Atuando no ensino médio encontramos proporções semelhantes entre homens, independente da cor; enquanto no caso das mulheres, as brancas encontram-se numa proporção bem mais elevada que as negras.
- O ensino superior é masculino e branco uma vez que tanto homens brancos como mulheres brancas encontram-se nessa condição em torno de três vezes mais que os seus parceiros do mesmo sexo negros. No entanto, a proporção de pretos e pardos é superior a das mulheres brancas, mostrando um peso maior de gênero nessa categoria.
- No ensino profissional encontramos proporções semelhantes entre as mulheres, sejam estas brancas ou negras, já entre os homens percebe-se uma proporção duas vezes maior para os negros.
- O ensino da educação física ainda é bem mais representativo para os homens, embora entre as mulheres seja quase duas vezes mais representativo para as brancas e entre os homens seja mais representativo para os negros (MOEMA TEIXEIRA, 2006, p. 29).

Embora seja possível levantar várias questões tanto no que se refere à dimensão de gênero, quanto à dimensão étnico/racial, consideramos importante destacar que, na medida em que aumenta o nível de ensino, as professoras negras vão desaparecendo do campo de atuação do magistério. Situação que revela a falta de oportunidade pela qual têm passado essas professoras para acessar o ensino superior. É no ensino fundamental que elas se apresentam em maior número. A concentração das professoras negras no ensino fundamental é mais um indicativo das desigualdades sócio-educacionais às quais estão expostas. Apesar de seus esforços em busca de uma trajetória escolar de sucesso, os obstáculos provenientes das relações desiguais que vivenciam tornam-se por vezes barreiras intransponíveis na busca pela elevação de sua escolaridade e do sucesso profissional.

O presente contexto nos permite afirmar que se o acesso ao magistério apresenta-se como um espaço de afirmação das potencialidades intelectuais das mulheres em geral, pois até o século XVIII acreditava-se que elas possuíam uma razão inferior a dos homens, para as mulheres negras carrega um duplo significado: “Ocupar profissionalmente esse espaço é romper com um dos vários estereótipos criados sobre o negro brasileiro, de que ele não é capaz intelectualmente” (NILMA GOMES, 1995, p. 115). Todavia, a inserção da população negra no magistério vai acontecer com maior ênfase a partir da política de expansão industrial, que traz a necessidade de uma mão-de-obra mais qualificada para o trabalho na indústria e impulsiona assim a expansão da educação.



Neste sentido, não podemos desconsiderar que o crescimento da presença das mulheres, negras e não negras, no magistério tenha se dado a partir do momento em que a educação formal passou a ser desvalorizada (uma vez que prepararia as camadas populares para o trabalho) e considerada uma atividade extensiva do trabalho doméstico. Nesse cenário, o magistério emerge como um campo de trabalho que, mesmo conferindo *status* profissional às mulheres negras, apresenta-se como um campo de inserção “permitido” em dado momento histórico. Assim, podemos inferir que a escolha pela profissão é um elemento da trajetória de luta e resistência dessas mulheres pela sobrevivência. Na tentativa de “ocupar os espaços possíveis surge o horizonte do magistério” (NILMA GOMES, 1995, p. 154).

Histórias e Trajetórias de Afirmação Identitária

O perfil do grupo das professoras participantes da pesquisa constitui-se como um mosaico que bem representa a pluralidade da mulher negra no Brasil. São pretas e pardas de várias tonalidades de cor de pele e tipos de cabelo. Entre as pretas, algumas se afirmam negras, outras apenas se percebem. Entre as pardas, existem as que sabem que não são brancas, mas não se consideram negras, porque possuem a pele clara. As mais claras nunca vivenciaram situações de preconceito e discriminação étnico-racial. As mais escuras apontam diversas situações desse tipo. Em relação à situação afetiva, entre as pardas uma é casada e as outras têm namorado. As pretas não possuem companheiros. Algumas pertencem a famílias negras estruturadas identitariamente, outras nasceram em famílias negras “sem identidade e sem cultura”, como define uma delas. As que são de famílias negro-mestiças possuem a experiência familiar marcada pela diferença entre seus membros e pela comparação. Em comum elas apresentam uma trajetória de luta pela sobrevivência, a utilização da educação como mecanismo de mobilidade social, a escolha da docência como possibilidade de melhorar de vida, o gosto pela profissão que seguiram e o trabalho que desenvolvem, o processo de construção da postura de auto-afirmação e o sentimento de vitória pelas conquistas realizadas.

Considerando que a história da população negra é marcada pela coerção a esses indivíduos para que neguem suas identidades, optamos por não identificar as professoras narradoras utilizando números. Compreendemos que por trás de cada nome existe uma história e decidimos nomeá-las ainda que preservando a privacidade das profissionais. Os nomes escolhidos para identificar cada uma das professoras negras são nomes de mulheres negras que se constituíram referências do Movimento Negro do Recife, destacando-se pela contribuição que dão permanentemente, por meio



de seus discursos e práticas, ao combate ao racismo e à promoção da igualdade étnico/racial. Passemos à apresentação das professoras negras.

Prof^a Alzenide Simões

Nascida em uma família negra, tem a pele escura, mas descobriu-se negra somente na vida adulta. O pai, já falecido, era metalúrgico e a mãe é auxiliar de enfermagem. Tem uma irmã e um irmão, mas no velório do pai descobriu que tinha mais 16 irmãos fora do casamento. Aprendeu a ler em casa com a irmã mais velha e é a única da família que cursou uma faculdade. Criança muito retraída, descobriu os livros e as letras muito cedo e se destacou na vida escolar. Estudou a vida inteira em escolas públicas e vivenciou diversas situações de discriminação. É pedagoga especializada em psicopedagogia e participa de um grupo de militância negra. Tem 36 anos de idade e 16 de profissão. Indica o cristianismo como religião. É solteira e mora com a mãe. Afirma que sua história não tem muita coisa fora do comum.

Prof^a Auxiliadora Martins

Nascida em uma família pobre de sete filhos, define-se negra. Foi morar com uma tia por causa da falta de recursos dos pais. Não conviveu com seus irmãos. Quando sua tia faleceu ficou morando com um primo e cuidava da casa dele. Voltou para a casa dos pais já adulta, com 29 anos, ao perceber que estava sendo explorada. O pai, já falecido, era funcionário público e a mãe é doméstica. Estudou em escolas públicas e particulares, teve um bom desempenho escolar, mas precisou abandonar os estudos para trabalhar. Só voltou a estudar 10 anos depois. Batalhou muito para poder se formar. Pagou as despesas de seu curso superior fazendo unha e dando aulas de reforço. Mora com sua mãe, mas deseja construir o seu espaço. Tem 49 anos de idade e 10 de profissão. É espírita, solteira e está sozinha.

Prof^a Cristina Vital

Mestiça, é a única morena de uma família de cinco filhos. Sentia-se um pouco diferente por ser diferente. O pai era instrutor de eletricidade e a mãe era dona de casa. Era uma criança que pensava muito, era muito preocupada com seu futuro. Quase deprimida. Estudou em escola pública e quando entrou na escola já sabia ler e então pulou para a 2ª série, mas não tinha maturidade ainda. Sempre era a mais nova da sala. Tinha a letra mais bonita, mas sua trajetória escolar é marcada pela



ida para a recuperação ano após ano. Seu grupo de escola era sempre os mais excluídos da sala. Casou com um homem branco e sofreu discriminação. Separou-se e lutou muito por sua sobrevivência como qualquer mulher sozinha. Pedagoga, tem 34 anos de idade. É protestante, hoje namora um homem negro e se considera uma pessoa completa.

Prof^a Delma Silva

Filha de mãe branca e pai mestiço sempre se considerou branca. Passou a perceber-se como parda a partir do discurso sobre cotas raciais para negros nas universidades. Como para os padrões brasileiros pode ser definida como branca, nunca sofreu discriminação étnico-racial. Tem dois irmãos gêmeos, seu pai é pedagogo, mas atualmente atua como sapateiro e sua mãe é doméstica. Estudou em escolas públicas e particulares e desenvolveu uma trajetória escolar de sucesso. Rebelou-se durante a adolescência, mas teve maturidade para perceber que não era aquele o caminho que deveria seguir. Pedagoga, cursa sua segunda graduação, agora em filosofia. Tem 34 anos de idade e 16 de profissão. É espírita kardecista, solteira e mora com seus pais.

Prof^a Ester Monteiro

Filha de pai negro e mãe branca, é mestiça, mas se considera negra. O pai era suboficial da marinha (hoje reformado) e a mãe era doméstica. Quando criança brigava com a mãe por ter escolhido um negro para casar. Considerava o pai feio e tudo que queria era ter o cabelo liso. Tem dois irmãos e duas irmãs. É a irmã mais velha e desde muito cedo cuidava dos seus irmãos mais novos. Na vida escolar sempre estava entre os melhores alunos da classe e aos 10 anos de idade montou uma escola de reforço em sua casa, na qual acreditava estar brincando de escola. É pedagoga e técnica em contabilidade. Tem 42 anos de idade e 21 de profissão. É católica apostólica romana, tem dois filhos, é separada e está sozinha.

Prof^a Inaldete Pinheiro

Filha de uma família negra com pais separados. A mãe é professora e advogada e o pai é militar. Tem duas irmãs e um irmão. Estudou a vida toda em escola pública e possui uma trajetória escolar de sucesso. A história da mãe, que conseguiu concluir quatro cursos superiores, sozinha e com quatro filhos para criar, foi seu estímulo para os estudos. Sofreu discriminação durante a infância, mas a referência familiar ajudou-a a superar o preconceito. Pedagoga e especialista em



psicopedagogia, tem 40 anos de idade e 19 de profissão. É evangélica e solteira. Define sua história como uma vida de escola.

Prof^a Lúcia dos Prazeres

Filha de pais separados, tem um irmão por parte de mãe e pai e dois só por parte de pai. O pai é funcionário público e a mãe auxiliar de enfermagem. Mestiça, considerava-se branca até passar por uma formação específica sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Hoje afirma-se parda e acha uma hipocrisia ser chamada de negra em função de ter a cor clara. Diz que nunca sofreu preconceito ou discriminação. Estudou em escolas públicas e privadas, teve dificuldades para concluir o curso de magistério quando passou a estudar à noite e trabalhar durante o dia. É pedagoga, com especialização em coordenação pedagógica. Tem 33 anos de idade e 10 de profissão. É espírita e considera que, por ser mulher e filha de pais separados teve que ralar um pouco mais na vida, mas é vitoriosa.

Prof^a Piedade Marques

Nascida de uma mãe negra e pai branco, tem a pele clara mas considera-se negra. Tem duas irmãs e afirma ser a mais escura da família. Nunca sofreu discriminação. Antes de passar por uma formação específica sobre História e Cultura Afro-Brasileira acreditava que não existia preconceito. Se as pessoas tivessem uma auto-estima bem resolvida, não teriam problemas em ser negras. Seu pai, já falecido, era psicólogo e sua mãe é dona de casa. Estudou em escolas públicas e particulares e destacou-se em sua vida escolar. É pedagoga e técnica em segurança do trabalho e em contabilidade. Tem 35 anos de idade e 16 de profissão. Não tem religião, mas afirma que tenta ser melhor. É casada e tem um filho de 04 anos.

Prof^a Martha Rosa

Fruto de um casamento inter-racial, tem a pele clara, mas considera-se negra. Tem um irmão e uma irmã. O pai é bancário e a mãe é dona de casa. Durante um tempo de sua vida sustentou a família financeiramente. Para esquecer os problemas que vivenciava com a mãe alcoólatra e o pai que se desempregava com frequência, apoiou-se nos estudos como o sentido de sua vida. Estudou em escolas públicas e privadas e destaca sua vida escolar como sendo de muito estudo. Pedagoga, especializada em ensino da arte, tem 33 anos de idade e 10 de profissão. Não professa nenhuma



religião. Ainda mora com os pais, mas prepara-se para casar com um homem branco. Define sua história como uma história de bastante luta.

Prof^a Mônica Oliveira

Nascida e criada no bairro do Coque, era filha de pais analfabetos. O pai era biscateiro e a mãe, já falecida, era doméstica. Cresceu em uma família negra, de sete irmãos (cinco mulheres e dois homens), mas sem identificação racial positiva. Estudou a vida inteira em escola pública e sempre teve muita dificuldade para aprender. Seu estímulo era perceber que em meio à miséria em que vivia havia algumas crianças que tinham uma realidade diferente da dela. Sabiam ler e escrever. Desde criança sofreu discriminação no espaço escolar. O convívio com pessoas politicamente engajadas possibilitou o seu despertar identitário. Pedagoga, tem 40 anos de idade e 19 de profissão. É evangélica, solteira e sem namorado.

As histórias e trajetórias apresentadas dialogam com achados de estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre professoras negras na última década. Patrícia Santana (2004) discute alguns desses estudos e destaca as seguintes características:

A maioria dos estudos enfoca os percursos biográficos e as experiências de professoras e professores negros inseridos no ensino fundamental e superior. Revelam as dificuldades enfrentadas pelas profissionais da educação, apontam para uma possível mudança de *status* social a partir do ingresso na carreira do magistério e as situações de racismo vivenciadas por essas profissionais (PATRÍCIA SANTANA, 2004, p. 47).

A leitura dos resultados dos estudos citados pela autora nos ajudam a enumerar alguns aspectos do significado da presença das mulheres negras no magistério. Em primeiro lugar, considerando as condições de vida das mulheres negras, já discutidas nesse artigo, destacamos a perspectiva da mudança de vida. Tornar-se professora é uma forma encontrada por essas mulheres para melhorar de vida. Um segundo aspecto que pode ser enunciado é o rompimento com o lugar de subalternidade destinado à população negra. Ao tornarem-se professoras, essas mulheres passam a ocupar um espaço do qual a maioria de seus pares estão excluídos.

Um terceiro aspecto que pode ser destacado é que o ingresso das mulheres negras no magistério levou-as ao afastamento de sua identidade étnico/racial. Sendo este um espaço predominantemente branco, algumas dessas mulheres foram levadas a adequar-se conforme os padrões de cultura, estética e comportamento dos brancos, para serem aceitas nesse espaço. Um último aspecto que apontamos é que mesmo continuando expostas às imagens estereotipadas sobre a população negra, ao assumir a docência as mulheres negras passam a vivenciar o preconceito e a discriminação a partir de um novo lugar. Um lugar que embora seja considerado de pouco prestígio



social eleva sua auto-estima, porque melhora sua condição de vida. Este novo lugar, a depender de sua trajetória de vida, lhes possibilita questionar sua situação, ressignificar sua identidade e buscar novas estratégias para o enfrentamento do racismo. Ou seja, a presença de mulheres e homens negros no magistério em escolas brasileiras inclui a dimensão étnico/racial nesse espaço de disputas sociais. Uma disputa que ainda é travada de forma silenciosa, porque o contexto de silenciamento sobre relações étnico/raciais no Brasil ainda é muito presente.

Considerações Finais

O universo do magistério faz parte das brincadeiras de criança vivenciadas por boa parte das professoras entrevistadas. Entretanto, na maioria dos casos o ingresso na profissão não foi uma opção da professora. A influência familiar assume um papel muito significativo na escolha da maioria das profissionais. Em muitos casos, são os seus familiares que definem o caminho a ser seguido e a possibilidade de conseguir um emprego é a principal razão pela qual as mulheres negras entrevistadas tornaram-se professoras. Entretanto, ingressar no magistério representou para essas mulheres uma possibilidade concreta de melhorar suas condições de vida, de conquistar algum prestígio social e de se afirmar como pessoa, a partir de suas identidades de gênero e étnico/racial.

Reconhecemos o papel que a educação escolarizada desempenha na vida da população negra como mecanismo de mobilidade social, sem desconsiderar as dificuldades que essa população vivencia para permanecer e adquirir sucesso nesse espaço. Cenário do exercício do magistério, a instituição escolar é um espaço sócio-histórico e cultural permeado pelo conflito, pela disputa e pela contradição que se expressam nas relações de poder e geram identidades diversas.

Referências

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares Cultura Afro-Brasileira**. Ano I, Número 1. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

LIMA, Márcia. Trajetória Educacional e a Realização Sócio-Econômica de Mulheres Negras. In: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e Estratificação Social**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.



Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça no Brasil. 2. edição. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM). Brasília, 2008.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s Negr@s**, Trajetórias e Travessias. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

TEIXEIRA, Moema de Poli. A Presença Negra no Magistério: aspectos quantitativos. In: OLIVEIRA, Iolanda (Org.). **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUFF, 2006.